

O OITAVO PÃO



“Naqueles dias, aglomerando-se de novo uma grande multidão e não tendo ele o que comer, Jesus chamou os discípulos e disse-lhes: **Tenho compaixão desta multidão**, porque há faz três dias que estão comigo, e não têm o que comer. Se eu mandá-los para casa sem comer, desfalecerão pelo caminho, e alguns vieram de longe. Então os discípulos lhe perguntaram: Onde alguém poderia arranjar pão para satisfazê-los aqui neste lugar deserto? Jesus lhes perguntou: **Quantos pães tendes?** **Responderam: Sete.** Então mandou ao povo que se sentasse no chão; e tomando os sete pães, havendo dado graças, partiu-os e os entregou a seus discípulos para que os distribuíssem; e eles os distribuíram entre a multidão. Tinham também uns alguns peixinhos, pelos quais deu graças; ordenando que fossem distribuídos. Todos comeram e ficaram satisfeitos; e encheram sete cestos com os pedaços que sobraram. Cerca quatro mil homens estavam ali. E Jesus mandou-os para casa... E, deixando-os, tornou a

entrar no barco e foi para o outro lado. **Os discípulos esqueceram-se de levar pão e tinham apenas um pão no barco.**” (Marcos 8:1-9, 13-14 – Almeida Século 21)

As palavras de Jesus sempre soam de forma fascinante aos ouvidos daqueles que se dispõem a prestar atenção ao que Ele diz. Porém, nem sempre as palavras de dEle encontram ouvidos atentos. Não raramente a dispersão da nossa atenção no momento em que as palavras de Jesus são proferidas, faz com que nós sejamos enquadrados nos 75% daqueles que ouvem a Palavra de Deus, mas não a retêm (cf. Mateus 13:18-23). De forma que a mesma palavra ministrada pode resultar em algo produtivo na vida de uns, que entenderam e compreenderam o que foi dito, ou improdutivo na vida de outros, que deixam de renovar a mente e discernir com atenção o que está sendo falado. Portanto, que nós possamos a exemplo do profeta Samuel, dizer a Deus: “*Fala, porque o teu servo ouve.*” (cf. 1Samuel 3:10), sabendo que o verdadeiro servo ouve a voz de seu Senhor com atenção.

Em relação à passagem bíblica acima – que narra a segunda multiplicação dos pães –, o contexto dos nossos dias é diferente, mas a realidade do texto é a mesma: Jesus continua tendo compaixão pelas pessoas, Ele continua querendo saciar a fome (física ou espiritual) da multidão e deseja que sejamos Seus parceiros na conquista desse objetivo.

Nós os cristãos, enquanto membros do corpo de Cristo, somos chamados de “*cooperadores de Deus*” (1Coríntios 3:9). Isso implica dizer que, apesar de Deus não necessitar da nossa ajuda para realizar qualquer ação, Ele tem prazer em nos ter como Seus auxiliares. Desse modo, a pergunta que Jesus fez aos discípulos no passado, também tem sido feita a nós diariamente: “*Quantos pães tendes?*” (v. 5). E qual tem sido a nossa resposta? Quanto do básico da nossa vida tem sido entregue a Deus? Como cooperadores no Reino de Deus, que legado de nós estamos deixando para as futuras gerações?

Quando Jesus perguntou sobre a quantidade de pães que os discípulos dispunham, a resposta deles foi categórica: Sete (v. 5). Porém, a continuação da narrativa bíblica nos mostra que eles haviam deixado mais um pão no barco (v. 14). Sendo assim, os discípulos não tinham de apenas sete pães, mas de oito. Esse oitavo pão foi retido pelos discípulos e não fez parte da obra miraculosa de Jesus. Muitas vezes afirmamos que entregamos nossa vida integralmente à disposição de Deus, quando na verdade retemos uma pequena parte nós mesmos. Deixamos de confiar plenamente na provisão de Deus e passamos a confiar, ainda que parcialmente, no limitado campo de visão da nossa existência. E por que isso acontece? **Porque não compreendemos que, sobre nós, recai a responsabilidade de suprir as necessidades das pessoas.**

Os discípulos disseram: “*Onde **alguém** poderia arranjar pão para satisfazê-los aqui neste lugar deserto?*” (v. 4). No entendimento deles “alguém” – que não fossem eles – deveria sugerir uma solução para aquele problema. Mas o ideal seria eles dizerem: “*Onde **nós** poderemos arranjar pão para satisfazê-los aqui neste lugar deserto?*”.

Para nós, é muito fácil entoar o cântico “*Tudo Entregarei*” (cf. Hino 295 do Cantor Cristão). Porém, quando analisamos a nossa praticidade de vida, constatamos que na maioria das vezes tudo não passa de verbosidades vazias de conteúdo e sem sentido prático. Gostamos de contemplar a entrega daquilo que está nas mãos do outros, mas ao mesmo tempo ocultamos o que está em nossas mãos. **Apreciamos a oferta de vida dos outros e não a oferta de nossa vida para os outros.**

A primeira multiplicação dos pães (cf. Marcos 6:30-44) foi feita para os judeus, enquanto a segunda multiplicação ocorreu no território dos gentios, em Decápolis. Na primeira multiplicação, mesmo sem quererem se envolver, os discípulos “se preocuparam” com a multidão que estava faminta (cf. Marcos 6:35-36), mas só porque ela era judia. Já na segunda multiplicação, por se tratar de gentios, os discípulos queriam que “alguém” se importasse com eles. Da mesma forma, ainda que inconscientemente, a maioria de nós é tentada a se importar apenas com aquelas pessoas que estão próximas a elas, que pensam da mesma maneira e têm os mesmos gostos e desejos.

Por causa da nossa incredulidade (os discípulos já tinham visto Jesus alimentar uma multidão ainda maior com apenas cinco pães e dois peixes – cf. Marcos 6:34-44) deixamos de atender plenamente os convites que Jesus nos faz. Temos medo de que, se entregarmos tudo a Jesus, algo vai nos faltar, que deixaremos de viver uma vida plena e livre. Ingenuamente pensamos que o Senhor Jesus se contenta com o pouco ou o mínimo de nós¹. E infelizmente, na mente de muitos cristãos, uma vida compromissada com Deus é sinônimo de escravidão, privação de alegria e isenção de prazeres.

¹ Na maioria das vezes, de tudo aquilo que Deus nos dá, nem mesmo a mínima parte é ofertada a Ele. Tome como exemplo o nosso tempo cronológico. O dia tem 24 horas. O dizimo disso são 2h24min. Agora responda para si: Quantos de nós dedicam esse tempo diário a Deus?

Confiar em Deus e se entregar integralmente a Ele. Esses são exercícios de vida que precisamos aprender a fazer. Costumeiramente nós cremos em um Deus “equivocado”, que em alguns momentos deixa de tomar a melhor decisão. Alguns de nós se acostumaram a dar “ideias” a Deus, como se ele não soubesse o que fazer, quando fazer e como fazer – para comprovar isso, basta analisarmos o conteúdo das nossas orações. E mesmo quando nos ajuntamentos solenes, presenciamos a multiplicação do agir de Deus na vida das pessoas, desperdiçamos as sobras (v. 8). Voltamos para casa sem nada daquilo que foi multiplicado (v. 14). E ainda temos a petulância de dizermos uns aos outros que deixamos de ser abençoados por Deus. E a lista de exemplos desse fato é grade: Deixamos de ler diariamente a Palavra de Deus e depois culpamos Deus por não termos uma direção clara do que fazer. Deixamos de passar um tempo de qualidade orando a Deus e depois ainda O culpamos por não sentirmos a Sua presença.

Outros se sentem tão insignificantes, no projeto de expansão do Reino de Deus na terra, que eles têm por hábito “enterrar” os talentos que possuem (cf. Lucas 19:14-18) em algum lugar da vida existencial. Muitos guardam o seu oitavo pãozinho dentro de si, em vez de colocá-lo à disposição de Jesus. Não percebem que pão retido não se multiplica. O pão retido não impede o agir de Jesus, mas nos exclui como participantes de Sua ação.

Que a nossa resposta, diante do questionamento de Jesus sobre quantos pães temos, seja uma resposta que envolva a nossa integralidade de alma e inteireza de espírito. Abandonemos, pois, o nosso relacionamento parcial com Jesus, o nosso compromisso superficial com Ele e abracemos com todas as nossas forças a nossa função de “*cooperadores de Deus, lavoura de Deus e edifício de Deus.*” (cf. 1Coríntios 3:9). Façamos uma entrega total da nossa vida a Jesus e nos coloquemos inteiramente à disposição do nosso Mestre. Entreguemos a Jesus o “oitavo pão”!

Soli Deo Gloria.